

O AUDIOVISUAL NA EDUCAÇÃO BILÍNGUE: A ASTRONOMIA EM LÍNGUA DE SINAIS

Ednalva Gutierrez Rodrigues/CE/UFES

nalvaguti@hotmail.com

José Arlon da Silva/PMV/ Planetário de Vitória

Shenia D'Arc Venturim Cornélio/PMV/ Planetário de Vitória

Resumo

Este texto tem como finalidade apresentar dados iniciais de um projeto intitulado “Material bilíngue na alfabetização de crianças surdas”, do Grupo de Pesquisa em Alfabetização e Educação de Surdos/Ufes, realizado com o Planetário de Vitória, em uma parceria entre a Universidade Federal do Espírito Santo e a Prefeitura Municipal de Vitória/ Secretaria de Educação, em comemoração ao Dia do Surdo/2015. Parte do princípio que a escola, hoje, em parceria com os espaços de educação não formal, cumprem um papel importante na direção de pensar em metodologias de alfabetização de surdos e, conseqüentemente, materiais adequados a essa nova perspectiva bilíngue, que considerem a Língua Brasileira de Sinais e a Língua Portuguesa como partes integrantes em todo o processo. Assim, este projeto visa, por meio da reflexão teórica e do trabalho colaborativo, produzir materiais bilíngues que possam servir de apoio para o trabalho educativo na alfabetização de crianças surdas, fundamentados no texto como ponto de partida e ponto de chegada (GERALDI, 1991), por meio da organização de sequências didáticas, com atividades que devem privilegiar na modalidade escrita, o uso de diversos gêneros discursivos e, na modalidade visual, a produção de diferentes materiais audiovisuais, como vídeos com as histórias e outros disponibilizados na internet. Devido aos limites deste texto, apresentaremos parte do projeto com a fase de produção de um vídeo acessível, com a janela de intérprete de Libras e a gravação do áudio, tendo na literatura infantil “Quando a Lua tomou chá de sumiço”, da autoria de Maria Amália Camargo e ilustração de May Shuravel, a desencadeadora deste material.

Palavras-chave: Educação bilíngue. Acessibilidade. Educação não formal.

INTRODUÇÃO

Este texto tem como finalidade apresentar dados iniciais de parte de um projeto de pesquisa intitulado “Material bilíngue na alfabetização de crianças surdas”,

do Grupo de Estudos em Alfabetização e Educação de Surdos (GPAES), da Universidade Federal do Espírito Santo, que tem como objetivo potencializar a discussãoteórica e prática na alfabetização de crianças surdas por meio da organização de sequências didáticas e produção de material que levem em consideração o bilinguismo na perspectiva histórico-cultural.

Parte do princípio que a escola, hoje, cumpre um papel de destaque na educação de surdos por ser o lugar onde o uso e a difusão da Libras pode se efetivar por meio de projetos educacionais bilíngues, ou seja projetos em que a língua de sinais e a Língua Portuguesa se tornem línguas de instrução. Porém, a partir das leituras de produções acadêmicas existentes, percebemos que ainda há dificuldade na implementação destes projetos, nos diversos níveis e modalidades de ensino. Isso, também se deve ao fato de que ainda existe uma enorme lacuna no que se refere às metodologias de alfabetização de surdos e, conseqüentemente, materiais adequados a essa nova perspectiva bilíngue.

Nesse sentido, cogitar projetos eespaços educacionais não apenas pela lógica que caracteriza o ensino formal, ampliando as parcerias e possibilitando múltiplos olhares sobre um mesmo tema, torna-se necessário. Inserindo-se no campo da educação não formal, o município de Vitória investe, desde a década de 1990, nos Espaços da Ciência, Cultura e Educação que possibilitam alargar os conhecimentos em suas múltiplas dimensões, proporcionando movimentos dialógicos em que o conhecimento científico se entrelaça ao filosófico, ao senso comum e ao mitológico.

Integrando um desses Espaços da Ciência, Cultura e Educação, está o Planetário de Vitória que, com diferentes ações pedagógicas, busca provocar uma maneira de pensar, fazer e olhar para a educação de forma diferenciada, uma vez que, os movimentos educacionais apontam para a necessidade de desenvolver meios educativos que não se restrinjam somente aos escolares, pois entendemos que “[...] a educação não-formal pode envolver um caráter transformador [...]” (GARCIA, 2008, p. 40).

Acreditamos que potencializar o processo de aprendizagem de todas as crianças, assegurado por meio dos espaços educacionais formais é fundamental, uma vez que compete à escola estimular a curiosidade do conhecimento científico às crianças. Por sua vez, cabe ao espaço não formal contribuir para que essa estimulação científica tenha continuidade sob seus

mais variados aspectos, ampliando horizontes e possibilidades de conhecimento.

No campo da Educação Especial, o município de Vitória, desde a década de 1990, com a implantação da Política de Educação Especial, promove debates entre a Secretaria de Educação e suas unidades de ensino, por meio de assessorias pedagógicas e proposição de formação continuada com os profissionais da Educação. Muitos mecanismos de apoio foram criados dentre eles a Divisão de Educação Especial, atualmente Coordenação de Formação e Acompanhamento à Educação Especial (CFAEE). Desde essa época, a Secretaria de Educação vem consolidando essa política por meio de várias ações que tem sido consolidadas ou reformuladas, sempre em direção a uma educação mais inclusiva. Em 2008 implantou a Política de Educação Bilíngue para pessoas surdas.

A partir do contexto histórico envolvendo a Educação Especial no município de Vitória, pesquisar e pensar, coletivamente, metodologias e materiais didáticos que possam garantir maior equidade na educação, considerada inclusiva, torna-se o desafio da atualidade. Embora a inclusão na sala de aula já esteja garantida, a inclusão no conhecimento ainda precisa ser estudada e consolidada.

Nessa direção, o Planetário de Vitória, ao propor uma parceria entre a Universidade Federal do Espírito Santo, o Grupo de Pesquisa em Alfabetização e Educação de Surdos e a Prefeitura Municipal de Vitória/ Secretaria de Educação, promoveu, em agosto de 2015, em comemoração ao Dia do Surdo, uma sessão acessível, no sentido de garantir ao estudante surdo condições de usufruir desse espaço e conhecimento científico, com a apresentação de um vídeo, tendo a literatura infantil “Quando a Lua tomou chá de sumiço”, da autoria de Maria Amália Camargo e ilustração de May Shuravel, a desencadeadora deste estudo.

Devido aos limites deste texto, apresentaremos apenas a fase de produção do um vídeo acessível, com a janela de intérprete de Libras e a gravação do áudio. O período de elaboração e lançamento compreendeu os meses de julho a dezembro de 2015, fazendo um lançamento prévio na Semana do Surdo em agosto de 2015. Especificamente, esta fase do projeto teve como objetivos:

- Incentivar o gosto pela Astronomia por meio da educação não formal;
- Demonstrar a importância de trabalhar a literatura infantil para a formação de crianças leitoras;
- Ter primeiras aproximações com o conhecimento científico sobre fases da Lua, eclipse lunar, estrela cadente, satélite, planeta Terra e Sistema Solar;
- Promover acessibilidade ao surdo, por meio de uma sessão acessível.

REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Para repensarmos a perspectiva mecânica de ensino de língua que considera a alfabetização de surdos uma apropriação de palavras e sinais, propomos outra direção, fundamentada no texto como ponto de partida e ponto de chegada (GERALDI, 1991).

Para Bakhtin (1998), a língua é dialógica e se constitui entre sujeitos situados social e historicamente, que se enunciam, não por meio de palavras isoladas, mas por meio de textos ou, como ele mesmo diz, de “[] verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc.” (BAKHTIN, 1998, p. 95).

Na mesma direção, Rodrigues (2009, p. 43) defende que “[] a língua de sinais é uma manifestação linguística legítima, que confere aos seus usuários condições de significarem o mundo e produzirem discursos ou textos como sujeitos reais e históricos”.

Consoante com essa perspectiva discursiva de linguagem, a organização das atividades e a produção de material adequado para o estudante surdo, podem ser garantidos por meio da Sequência Didática, a partir do que nos propõe Schneuwly e Dolz, (2004, p. 82), como “[...] um conjunto de atividades escolares organizadas de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. Consideramos que essa metodologia, quando adotada na educação de surdos, deve privilegiar na modalidade escrita, o uso de textos contemplando os diversos gêneros discursivos e, na modalidade visual, a produção de diferentes materiais visuais como vídeos com as histórias e vídeos disponibilizados na internet. Nessa direção, produzir materiais visuais que privilegiem essa diversidade textual, torna-se imperativo para avançarmos em direção a um trabalho discursivo para esse público.

DESENVOLVIMENTO

Por meio da reflexão teórica e do trabalho colaborativo, nos propomos a produzir um material bilíngue para a sessão acessível do Planetário de Vitória e para ser utilizada em nossa sequência didática. A literatura “Quando a Lua tomou chá de sumiço”, foi o gênero escolhido pelo Planetário de Vitória e assumido por nós, para ser o fio condutor deste projeto, sendo apresentado em forma de vídeo.

A partir dos desafios propostos, especialmente para garantir a acessibilidade do vídeo, movimentos parceiros foram tecidos. Inicialmente, o Planetário de Vitória obteve a **permissão da autora** Maria Amália Camargo e da ilustradora May Shuravel, para utilização da literatura “Quando a Lua tomou chá de sumiço”. As páginas do livro foram escaneadas e apresentadas em Powerpoint. O GPAES fez o trabalho de tradução e interpretação da história, em um trabalho colaborativo que envolveu dois intérpretes de Libras e um professor surdo, inserido, no vídeo, a janela de Libras. Finalizando o trabalho, **o Departamento de Teoria da Arte e Música/Ufes fez o processo de gravação do áudio da história.**

Durante a sessão de apresentação do vídeo, houve a necessidade de uma articulação científica apontando para questionamentos e conhecimentos abordados na literatura tais como: será que a Lua desaparece?; será que a Lua só aparece à noite?; quando ela toma de fato chá de sumiço?; fases da Lua (trabalhada por meio de vivência); eclipse lunar (realizada por meio de vivência); constelação de Orion – onde localizam as Três Marias; diferença entre estrelas cadentes e estrelas do mar.

Além da apresentação do vídeo, outras atividades foram realizadas com a interpretação em Libras. Pelo fato de o Planetário utilizar em suas sessões vários vídeos e filmes, foi possível observar a identificação desse público com esse espaço, já que a pessoa surda tem a visualidade como uma de suas características mais marcantes. Assim, consideramos que a parceria com esse espaço deve ser potencializada, conforme já discutimos nesse texto.

Como nosso objetivo era tornar a sessão acessível para crianças surdas, algumas análises se fizeram necessárias. Inicialmente, referendamos o uso da literatura como material discursivo e potente, para o trabalho escolar com

crianças surdas. Durante a apresentação do vídeo, as imagens, o desenho, as cores, enfim todo o conjunto visual do livro escolhido, transpostos para a tela, provocaram admiração e curiosidade nas crianças. Porém, à medida que a história se desenrolava, as crianças, vez por outra se distraíam, demonstrando desinteresse. Esses dados iniciais revelaram a necessidade de investigarmos outros aspectos que devem fazer parte do material visual, para além da imagem e da janela de Libras. Nessa direção, devemos considerar que a criança surda, assim como as outras crianças, precisa ter condições de participar de um movimento discursivo com possibilidades de enunciação e compreensão.

CONSIDERAÇÕES

A sessão acessível para os estudantes surdos foi um marco importante na educação de surdos no município de Vitória, pelo fato de que a proposta não se restringiu à produção de um material visual com a janela de Libras. Para além da perspectiva da língua de sinais como direito do surdo, a proposta faz parte de um projeto maior que compreende que o conhecimento não está restrito às atividades descontextualizadas e compartimentadas em disciplinas estanques. Como mencionado, tomar o texto como ponto de partida e de chegada, significa reconhecer que, para o aluno surdo, a compreensão dos conteúdos precisa ultrapassar a aprendizagem de palavras e sinais.

A literatura, como processo desencadeador também precisa estar à disposição do aluno surdo em materiais acessíveis com janela de Libras ou produzidas e contadas, por surdos. A análise dos primeiros dados nos fez confirmar que a ludicidade das histórias infantis deve ser contada a partir da perspectiva surda, tornando o trabalho do professor surdo, na tradução das histórias, imprescindível, porém mais investigações precisam ser feitas porque a linguagem deve ser adequada à faixa etária a qual o material se destina.

O uso desse material visual com crianças surdas, como parte de uma sequência didática, provocou o debate em torno de outros conhecimentos, como a diferença entre ficção e realidade, conhecimento de diferentes gêneros discursivos (matérias de jornais, vídeos, textos científicos), produção de texto em língua de sinais e atividades com a Língua Portuguesa escrita.

Além disso, a parceria com um espaço não formal assegurou a possibilidade de ampliar discussões que, além de garantir o prazer, aliou a dimensão lúdica aos estudos científicos dos estudantes, visto que este processo não está amarrado ao rigor do espaço formal. Propagar o conhecimento científico e, correlacioná-lo à Astronomia torna-se um desafio permanente no Planetário de Vitória uma vez que, compreendemos o homem como sujeito social e histórico, pertencente a uma organização familiar inserida em uma sociedade profundamente marcada pelo meio social e cultural em que se desenvolve.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.

GARCIA, Valéria Aroeira. Educação não-formal: um mosaico. In: PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata Sieiro; CARNICEL, Amarildo (Orgs). **Palavras-chave em educação não-formal**. Campinas: Unicamp. 2008.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

RODRIGUES, E.G. **A apropriação da linguagem escrita pela criança surda**. 2009. 226f. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.

SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. Roxane Rojo e Glais Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

VITÓRIA, Prefeitura de Vitória. Secretaria Municipal de Educação. **Política Municipal de Educação Especial**, 2016.